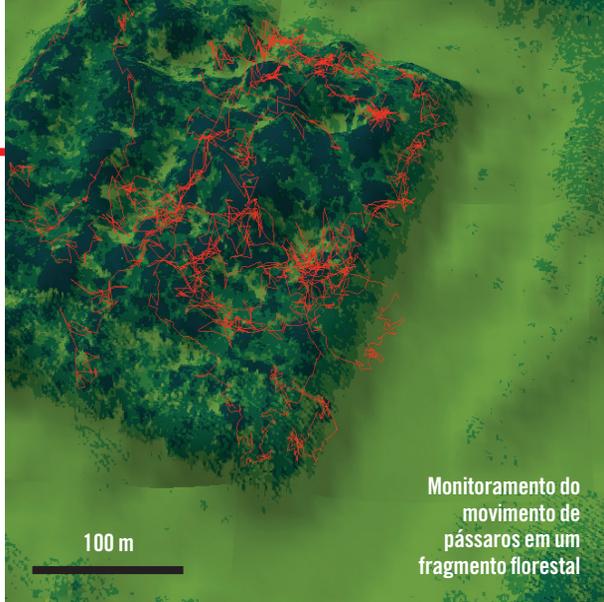


BIODIVERSIDADE

Dilemas da conservação

Uma dúvida: quando o assunto é preservação de florestas tropicais, é melhor preservar uma grande área ou preservar fragmentos menores que, somados, totalizem a mesma área? A pergunta não é trivial. Ela tirou o sono de muitos ecólogos ao longo das últimas décadas — e existe até uma sigla para se referir ao dilema: SLOSS (*single large or several small*, algo como ‘uma só grande área ou várias menores’). Mas a boa notícia é que, agora, já temos uma resposta: “E nossa resposta é que a pergunta pode ser considerada ingênua”, diz o ecólogo José Luís Camargo, coordenador do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), iniciado em 1979 justamente para tentar responder à questão que inicia este texto.

“Não existe tamanho mínimo crítico para um ecossistema”, explica Camargo. “Depende do que se estuda: para uma onça, o tamanho da área é um; e para um besouro, outro.” Um dos principais efeitos da fragmentação é a perda de espécies de aves e a morte das grandes árvores. Em florestas tropicais, cerca de 3% das árvores morrem anualmente; mas, se a área for fragmentada, essa porção pode saltar para 30%”, diz Camargo. Segundo ele, entretanto, várias pequenas áreas de preservação podem até ser benéficas em alguns casos — pois, dependendo da localização, podem manter a heterogeneidade biológica de certa região. Mas,



Monitoramento do movimento de pássaros em um fragmento florestal

MAGEN KARL MOKROSS/PDBFF

em geral, é melhor que se preserve uma área extensa — para manter os processos naturais do ecossistema em questão.

Parecem respostas óbvias. Mas estão embasadas em bancos de dados sólidos construídos pelo PDBFF — mantido por uma parceria entre o Inpa e o Instituto Smithsonian (EUA). É a mais antiga iniciativa de conservação do Brasil, e uma das mais antigas do mundo. São cerca de 100 hectares de parcelas permanentes, distribuídos em áreas contínuas e fragmentadas, a 80 km ao norte de Manaus (AM). A área é monitorada sistematicamente com o objetivo de entender as consequências da fragmentação florestal.

HISTÓRIA

Pimentas do Novo Mundo

Quem diria! Navegadores portugueses do século 16 eram fregueses assíduos das pimentas brasileiras. A história tradicional nos diz que esses marujos, quando aportavam cá em nossas terras, estavam interessados basicamente em pau-brasil, papagaios ou animais exóticos. Mas o insuspeito interesse em pimentas — velhas conhecidas entre os nativos que aqui viviam — parece ser novidade para os historiadores. Relatos históricos já registravam que elas eram, de fato, itens de negociação entre índios e europeus. Mas, curiosamente, esses temperos não eram descritos nos relatórios de carga. Por quê? Os historiadores Christian Fausto, Fabiano Bracht e Gisele da Conceição, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, decidiram investigar o aparente mistério e chegaram a uma interessante conclusão.

“Nossas pimentas tinham pouco valor mercantil, mas eram consideradas itens de sobrevivência em alto-mar”, explica Fausto. Pois exploradores de tempos passados eram frequentemente acometidos pelo escorbuto — doença que, pela falta de vitamina C, ataca lábios, gengivas e dentes. “Era uma doença que desgraçava os navegadores; mas os portugueses vangloriavam-se por não sofrer desse mal”. Segundo os historiadores da UEM, o segredo estava justamente nos carregamentos de pimentas brasileiras que consigo levavam a bordo. Hoje sabemos que a concentração de vitamina C de uma pimenta nativa — como a malagueta (*Capsicum frutescens*) e a dedo-de-moça (*Capsicum baccatum*) — pode ser até 10 vezes superior à de uma laranja. Empiricamente, os navegantes poderiam estar cientes disso.



“Chegamos a essa conclusão a partir do cruzamento de fontes documentais com o conhecimento bioquímico contemporâneo”, disse Fausto.

Além de maior concentração de vitamina C, as pimentas tinham ainda uma vantagem logística. Além de ocupar menos espaço, elas duravam muito mais tempo a bordo — enquanto laranjas apodreciam após cerca de três semanas quando expostas àquelas condições de navegação.

FOTO WIKIMÉDIA COMMONS